

Cartas d'Algurés

1 DE JANEIRO.

Muita gente é partidaria da guerra, como de muitos outros principios retrogrados e funestos, porque não estada, porque não lê. Anthero do Quental ia atraz de Proudhon. Elle mesmo o diz. «A guerra, como disse Proudhon n'um admiravel e profundo escripto consagrado a este assumpto, é a ultima e mais segura pedra de toque da virtude das nações, ou seja, da sua capacidade de Justiça.»

Referia-se ao volume *La Guerre et la Paix*.

O mal que Proudhon fez com esse livro!

Ora não basta ler Proudhon. Leiam *Les Luites entre sociétés humaines et leurs phases successives*, *La Guerre et ses prétendus bienfaits*, *La Fédération de l'Europe*, tres livros excellentes de Novicow. Leiam *La Guerre dans les diverses races humaines*, um bello volume de Letourneau. Leiam *La Guerre et l'Homme*, de Paulo Lacombe, *L'Ere sans violence*, do tenente coronel de cavallaria alemã Moritz Von Egidy e do capitão de artilheria franceza Gaston Moch. Leiam o primoroso livro de Guglielmo Ferrero—*Le Militarisme et la Société Moderne*. Leiam, sobretudo, a obra admiravel, a obra magistral de João de Bloch—*La Guerre*. E não mais se deixarão seduzir pelos argumentos de Proudhon.

Lêde esses e outros. E depois compare. E depois pense. Não devemos ir cegamente atraz de ninguém. Devemos estudar. Devemos meditar.

Não ha nada mais ignobil que a abdicção da propria razão. E, contudo, são poucos aquellos que não abdicam.

Os livros citados são quasi todos estudos profundos do assumpto. Os seis grossos volumes da obra de Bloch, á qual prestam homenagem os proprios partidarios da guerra, estão cheios de estatísticas, de gráficos, de detalhes curiosissimos.

Quer isto dizer que basta lê-los para chegarmos á conclusão de que a guerra acabou? Não. Basta que cheguemos á conclusão de que a guerra não tem nenhum dos beneficios apregoados, ou de que tem, pelo menos, muito mais inconvenientes do que vantagens. Basta que formemos uma opinião, que tenhamos adquirido uma convicção, para não irmos atraz do primeiro que appareça a seduzir-nos com a fama do seu nome. A ignorancia é o peor inimigo da humanidade.

Basta que nos orientemos para não cahirmos em erros palmares e que não sejamos agora anti-militaristas, porque o anti-militarismo está na moda dos partidos avançados, para sermos logo, ao mais pequeno incidente diplomatico, os mais furiosos defensores da guerra.

Quando o general Duchene desembarcou em Marselha, á volta de Madagascar, os que mais entusiasticamente o receberam foram os socialistas.

Quando o general Dodds voltou do Dahomey, o povo de Paris, onde abundam os anti-militaristas, fez-lhe uma recepção triumphal.

Ferrero conta que assistindo a um meeting das associações dos empregados dos caminhos de ferro, associações quasi todas socialistas, todos os oradores se mostravam indignados porque na camara se tinha dicto que os empregados dos caminhos de ferro poderiam embarçar a França em caso de guerra.

Lacombe regista que são sempre as multidões as que, por estúpida vaidade nacional, com mais força impellem os governos á guerra.

Assim foi na Italia por occasião da guerra da Abyssinia, assim foi na Inglaterra por occasião

da guerra do Transwaal, assim está sendo agora no Japão.

Os que em momentos calmos mais rhetorica dispendem contra o militarismo, são os que mais exaltadamente proclamam a guerra, quando supõem prejudicados os interesses da patria ou offendida a honra nacional.

Isto mostra que nem havia opinião assente quando se clamava contra o militarismo, nem quando clamava a favor da guerra.

Para acabar com essas incoherencias, para destruir erros e preconceitos, é que serve a leitura, é que serve o estudo.

Saber bem o que é a guerra é o primeiro passo dado em favor da paz.

As perdas de toda a ordem, que resultam da guerra, são medonhas. O volume IV da obra de Bloch é, n'esse ponto, interessantissimo. Bloch, admitindo um rompimento entre a dupla e a triplíce alliança, estuda as crises que a guerra produziria nas grandes industrias alemãs, as condições economicas e a situação financeira da Italia, os perigos que resultariam para a Austria, a carestia que haveria na Inglaterra com a interrupção das importações, as misérias que ameaçariam a França, a baixa dos fundos russos e a influencia da guerra nas finanças d'aquella nação, as perturbações economicas que resultariam da suspensão do commercio exterior e da difficuldade de utilisar as vias de comunicação habituaes, a influencia da guerra sobre as necessidades quotidianas da população europeia, as despesas occasionadas pelas guerras do passado e a proporção entre os encargos militares e as rendas nacionaes nas cinco grandes potencias, as despesas de que ha de necessitar a guerra futura e os meios de as cobrir, a desigualdade das perdas que a guerra futura ha de infligir ás diferentes nações sob o ponto de vista economico, a influencia da tactica e das condições economicas sobre o movimento das operações de guerra, e, depois d'esse estudo, conclui, que as condições d'agora são muito menos favoráveis á guerra do que nos tempos passados. «O medo da bancarrota, da fome, da miseria, diz, das tremendas revoluções que d'ahi podem resultar, ha de se estender á sociedade toda.»

E a incognita, sob o ponto de vista profissional? O que serão as proximas batalhas com desoitto milhões de soldados? A triplíce alliança e a dupla alliança mobilisam desoitto milhões de soldados. O que será isto em combate? Os campos de batalha hão de ter uma extensão enorme. Por mais telephones e telegraphos que se montem, nenhum general será capaz de ter na mão, por mais genio que possua, tropas tão numerosas.

E como alimentar tantos homens? Nenhuma região, diz Novicow, tem recursos bastantes para dar pasto ás nuvens de gafanhotos que os exercitos modernos representam. E as linhas ferreas estrategicas, ainda as mais bem traçadas e montadas, poderão ou não fornecer viveres a tanta gente.

A difficuldade que existe com as munições de guerra. Os invasores antigos pouco mais precisavam que das armas que levavam consigo. Hoje são precisos milhões e milhões de cartuchos para espingardas, milharas e milhares d'obuzas, canhões e canhões cada vez mais pesados, polvora, telephones de campanha, telegraphos, bicycletas, o diabo a quatro, sem contar com os serviços de provisões e ambulancias.

Tudo isto produz despesas pavorosas. Bloch calculou que em caso de guerra as cinco grandes potencias deveriam gastar 103 milhões de francos por dia.

Para quê? Para a Italia tomar

Nice e a Corsega á França, a Alemanha as provincias balticas á Russia e a Austria a Rodelia, se ficar victoriosa a triplíce alliança? Para a França readquirir a Alsacia-Lorena e tomar á Alemanha o Palatinado, supponhamos, e a Russia arrancar a Galicia á Austria, se vencer a dupla alliança? Vale a pena? Não. Reconhecemo-nos as proprias nações. Está provado que nenhuma d'ellas tem vontade da guerra. O medo dos exercitos inimigos, diz Novicow, tornou-se o começo do bom senso.

Rebentará o conflicto entre a Russia e o Japão. Mas d'ahi não passa.

E esse mesmo, rebentará, ou não.

A. B.

BANQUETE

E' hoje que em Agueda tem logar o importante e significativo banquete que os habitantes d'aquella formosa villa e do concelho, offerecem ao seu prestante amigo e patricio, sr. conselheiro Albano de Mello Ribeiro Pinto.

Essa festa, que é íntima, e á qual se associa tudo o que de mais distincto e nobre tem aquelle concelho, mostra bem o grau de consideração e estima em que é tido aquelle cavalheiro por todos os seus conterraneos.

Mas as viboras diffamadoras, roidas de inveja e atascadas na montureira dos despreziveis, não se cansam de dizer sempre, em correspondencias forjadas atraz da porta, que a festa não tem valor e que sua ex.ª pouco vale.

Almas de lama com instinctos de chacal.

O jantar, que consta de mais de 200 talheres, é fornecido pelo hotel Cysne do Vouga, d'esta cidade, e o menú consta do seguinte:

Sopa rijuliana — livrinhos folhados de marisco — vitella á jardineira — queijadinhas de miolos com trufas — peixe ao gratin — costelletas de vitella panadas — galantina de capão — esperregado á franceza — perús com salada. Sobrezeza: queijos, fructas da época, pudins diversos, tortas de Vianna, doces seccos, pastéis, queijadas de Santa Joanna, tortas de fructas — vinhos de meza d'Agueda, finos do Porto, champagne, etc.

Pela nossa parte agradecemos o convite que amavelmente nos foi dirigido.

Recreio Artístico

Disputam-se com affan as listas apresentadas aos socios d'aquella casa, para a gerencia de 1904.

Nunca alli houve eleição tão renhida nem de tanto entusiasmo.

A eleição tem logar no dia 6 do corrente, e oxalá o acto decorra sem o menor resentimento ou hostilidade para qualquer das partes. Está n'isso o brio das partes litigantes.

E' no dia 17 que rebenta a *beiziga* na patria dos ovos molles e dos mexilhões.

Clæga, como é já sabido de todos, o chefe supremo, o *agnus dei*, o *non-plus-ultra* da governação francæa. A' estação concorrerá *clero*, *nobreza* e *povo* e o principe dos principes será conduzido em triumpho pelas ruas da cidade até ao *Theatro Aveirense*, onde as postas de pescada serão a trez quinze e o bacalhau faneca se dará gratuito por falta de... compradores.

De tudo é merecedor o homem em quem o paiz tem as mais lidimas esperanças generatoras liberales, e a quem Aveiro deve o importantissimo favor de ter annexado a si (por mal de seus peccados), por algum tempo, o concelho de Ilhavo.

Seja tudo em louvor de S. Limouada para não dizermos de Frei Bandalho.

Quem tiver amor á sua terra, quem prezar os interesses, a dignidade, as tradições de Aveiro, quem sinceramente professar os principios liberaes, não hesita, nem pôde hesitar, entre o grupo politico representado pelo sr. Jayme de Magalhães Lima e Barboza de Magalhães e o grupo politico representado pelo sr. Albano de Mello e seu filho.

Foi por isso que nós, republicanos, não hesitámos, nem hesitámos.

Não havendo em Aveiro um grupo republicano bastante numeroso para disputar por si a administração local, e sendo certo que uma politica de abstenção daria o triumpho definitivo aos reaccionarios, o dever dos republicanos, dignos de tal nome, era intervir a favor dos menos perigosos á causa democratica.

Foi isso o que nós fizemos. Foi essa a politica seguida invariavelmente pelo *Povo de Aveiro* desde o primeiro dia da sua fundação. E com ella temos conseguido salvar as gloriosas tradições liberaes d'esta cidade; com ella temos feito vingar importantissimos interesses de Aveiro; com ella temos dado tal prestigio e força aos republicanos da localidade, que são elles, por assim dizer, os arbitros dos destinos d'esta terra, ha muitos annos.

O que essa politica vale, o que essa politica pôde, dizem-no os odios dos adversarios. Todas as raivas, todos os desesperos, todos os odios, todas as injurias dos reaccionarios, dos apostatas, dos biltres, são para nós. Somos o alvo de todos os seus ataques; o objecto de todas as suas furias. Evidentemente, porque os incommodamos e prejudicamos a valer. E' logico.

A politica de abstenção é admissivel, impõe-se mesmo, em circumstancias normaes. Temo-la adoptado em muitas occasiões, sempre que não ha perigo para os principios liberaes ou para os interesses da terra. Mas logo que periga um d'esses principios ou um d'esses interesses, apressamo-nos a intervir, seja contra uns, ou seja contra outros. Não escolhemos. Os nossos inimigos são os inimigos mais perigosos da causa democratica ou da honra e prestigio da terra em que nascemos. N'um momento são os regeneradores? São esses os que combatemos de preferencia n'esse instante. N'outro momento são os progressistas? Contra esses nos voltamos. Sempre com a mesma energia e com a mesma sinceridade, sem recolhermos para nós, como recompensa, mais do que a satisfacção da propria consciencia.

Estes é que são os factos, digam os biltres o que quiserem. E porque são esses os factos, triumphamos sempre. E' d'ahi que nos vem a nossa força e o nosso prestigio.

O sr. Jayme de Magalhães Lima foi nosso *aliado* quando era elle o menos perigoso. Não o fomos buscar, não o fomos procurar. Foi elle que se enfileitou com os nossos. Nunca trocámos, de viva voz, com tal pessoa, uma unica palavra, como succede com outros que hoje são seus adversarios. Nós combatiamos Manuel Firmino e as irmãs da caridade. Elle mettu-se nas fileiras da retaguarda, a combater, sob o nosso mando,—porque eramos nós que dirigiamos o combate,—o mesmo Manuel Firmino e as mesmas irmãs da caridade.

N'isso consistiu a *nossa alliança*. Bem sabiamos que Jayme de Magalhães Lima era um reaccionario. Não ignoravamos a falta de sinceridade com que elle procedia. O que elle queria era trepar. Mas se por causa d'isso nos abstivessemos, ficaria triumphante Manuel Firmino, que era então o grande perigo, e ficariam triumphantes as irmãs da caridade.

Olivieri Sangiacomo — das quaes se disse terem sido vencidas pelo mestre-escrta, ao mesmo tempo que a necessidade politica da fusão dos varios elementos regionaes, impelliram o exercito á realisacão de reformas radicæes. Com um admiravel impeto de amor patrio, o exercito declarou ao analphabetismo uma guerra sem quartel. Cada companhia transformou-se n'uma escola elemental. Cada camarata teve o seu quadro preto, e os seus mappas geographicos da Italia desenhados nas paredes pelos officæes. Cada soldado teve a sua cartilha, o seu caderno e a sua caneta. Os proprios graduados ensinavam ao mesmo tempo a B C e o manejo das armas.

«Os officæes alternavam as explicações do Regulamento Disciplinar e doCodigo Penal, com lições de Geographia Elemental e narrativas de Historia Contemporanea.»

«Não havia o ocio das antigas casernas, mas um trabalho febril, variado, multiplice, por vezes excessivo talvez, mas util. Todos deviam de estudar, para todos havia escolas, para os aspirantes a cabos, a sargentos e a officæes.»

«Os officæes eram os mestres de todos. Se os velhos tarimbados não tinham a capacidade e as aptidões necessarias para este novo mister, murmuravam. Mas os officæes novos, que sahiam da escola de Modena, illustrados pelo estudo, e vibrando-lhe na alma um alto idealismo, encontravam um campo aberto á mais nobre actividade do espirito. Houve exagero, por certo, trabalhou-se de mais, elevou-se a machina regimental a uma pressão alta de mais para poder manter-se; peccou-se por excesso, mas de boa fé, por uma generosa impaciencia, por zelo muito louvavel. E, todavia, mesmo com esse peccado por excesso—obtiveram-se resultados admiraveis.»

O general Torre, referindo-se á classe de 1870, escreveu no seu relatório: «Quando a classe de 1870, veio servir era de 53, 41 0/10 os que sabiam ler e escrever e 16. 59 p. e. os analphabetos. Quando a mesma classe foi licenciada a percentagem dos analphabetos havia descido a 9. 89.»

No decennio de 1870 o nosso exercito mereceu, verdadeiramente, ser chamado a *Escola da Nação* e pode acrescentar ás suas glorias a diminuição do analphabetismo e o melhoramento intellectual e moral das classes que lhe foram confiadas.

«Quem, como eu, servia então no exercito, lembrará com viva saudade, o grande empenho com que os officæes e sargentos, se dedicavam a realisar aquella missão nobilissima, e mais ainda o ardor com que os pobres soldados se danavam a aprender e a ancia que tinham em ser approvados no exame de licenciamento.»

Mas...
Cosa bella e mortale passa e non dura.

* * *
«Estamos apenas no começo do artigo da Italia Moderna. Os resultados do abandono do ensino no exercito italiano hão-de vêr-se. E a necessidade de o restabelecer vê-lo-hemos demonstrada com tanta logica e tanta clareza, que não ha quem possa hesitar em dar razão ao auctor.»

O sr. Momem Christo pôde orgulhar-se com o facto. Se lêr este jornal ha-de ter uma grande satisfacção em vêr como o estrangeiro se falla, hoje, precisamente como o sr. Homem Christo fala ha dois annos.

E o nosso collega o *Povo de Aveiro*, que tanto ralha com os jornaes republicanos, ha-de vêr que todos nós temos o mesmo interesse em que se diffunda a instrução e fazemos justiça a quem por ella trabalha dedicadamente como o collega. Dias de máo humor, é certo, todos os temos. Nem a vida em Portugal, para quem luta por elevados principios, corre facil e alegre. Tristes vivemos; o desalento muitas vezes nos acommette. E, como reacção, vem depois manifestações irritadas de quem se sente ferido por injustiças e ingratições. Grandes ou pequenas todos as temos soffrido. Não nos devemos resignar, é certo. Mas não exgotemos a actividade nervosa em pura perda. Que todo o nosso orgulho se engrandeça mais por insistirmos em realisar uma grande obra, do que em violencias que, podem ser justas e elevadas, mas se perdem irremediavelmente.

E' tão bella, tão nobre, a missão de formar a alma portugueza, de trabalhar para a fundação de uma patria nova, de homens intellectual e moralmente superiores, que todo o tempo, todo o esforço, todo o sacrificio, não bastam. Olhemos para o futuro. Trabalhemos. Cada qual como puder, como souber e quizer. Só, ou acompanhado. Toda a intransigencia é util. Mas a tolerancia não é para desprezar.

O problema portuguez é o problema da instrução. Trabalhemos todos para o resolver. E o tempo não nos sobrá para o desperdiçarmos.

Tarde ou cedo, a todos é feita justiça. Nem sempre se faz quando quereamos que seja feita. Mas nunca deixou de vir a justiça. Trabalhemos.

Sal

Sobe progressivamente o preço do sal em Aveiro.

Ha proprietario que já pede a reis 100\$000 o barco. Bem o diziamos nós. Este anno, ainda o sal se vem a vender mais caro do que o anno passado. Verão.

Um asno, um nephelibata, um pateta faria isso: em nome dos sagrados principios abstinhasse. Mas o resultado seria ficarem na lama os mesmos sagrados principios em nome dos quaes o pateta julgava honroso abster-se.

Nós não fizemos isso. Ponco nos importou que Jayme de Magalhães Lima e outros fossem reaccionarios Combatiam elles a reacção, embora por especulação politica? Auxiliavam-nos elles a destruir um potentado que reputavam perigosissimo, e era, aos interesses locais? Pois era isso que nos convinha. E os applausos com que todo o paiz liberal nos acolheu, quando as irmãs da caridade foram expulsas, os successos que posteriormente se deram em Aveiro, não fizeram senão demonstrar o acerto com que procediamos.

Vencido Manuel Firmino, recolhemo-nos outra vez á nossa abstenção e n'ella nos mantivemos muito tempo. Não havia, então, ninguém preponderante. Ora combatiamos Jayme de Magalhães Lima, quando elle se tornava uma ameaça, ora Barboza de Magalhães, quando a ameaça surgia d'esta banda. Simples escaramuças, no entanto. A abstenção permanecia. Mas resolvido sempre, fiel á politica local que adoptamos, a preferir, em ultimo extremo, Jayme de Magalhães Lima, se as circumstancias o tornassem menos perigoso do que Barboza de Magalhães, ou vice-versa. Intervir era uma força. E nós a faríamos pesar, em proveito da causa democratica, sobre aquelle que precisasse do nosso auxilio.

Intervir, era valer. Abstermo-nos, era morrer. Abstenção, em casos graves, em momentos decisivos, nunca. E' erro que não pratica em politica homem medianamente intelligente.

Fômos tão felizes que se juntaram, por fim, do mesmo lado, todos os elementos perigosos e todos os reaccionarios da localidade. Ficou um do outro lado e com elle enchiam a bocca os parlapatões. Ora toda a gente sabe que esse individuo, com o qual não temos relações de qualidade alguma, perdeu toda a sua influencia na politica local, que a doença e outras circumstancias lhe tiraram. Não é o perigo que já foi, nem sombras d'isso. E está só. Os outros são muitos. Elle, é só!

Não havia, pois, que hesitar. Jayme de Magalhães Lima e Barboza de Magalhães estavam unidos. A hesitação seria possível e admissivel enquanto os dois estivessem em campos oppostos, separados. Juntos, não havia que duvidar, não havia que hesitar.

Barboza de Magalhães era o representante legitimo da gente da Vera-Cruz. Com elle estava tudo, dos antigos firministas, quanto, n'esta occasião, podia prejudicar.

Jayme de Magalhães Lima era o homem que tinha condemnado na *Epocha*, o jornaleco que se fundou em Aveiro para nos injuriar, a gloriosa revolução franceza, a revolução de 1820 e a revolução de 1828 a 1834, considerando-as mais do que estereis, prejudiciaes. O paspalhão!

Era o homem que tinha escripto, no mesmo jornaleco, que era preciso ensinar aos ilotas e aos párias a resignação, do mesmo modo que aos entrevados e aos rachíticos se lhes receita paciência, e que acima de todas as contendas partidarias é preciso acorrençar a canalha e os vadios pela persuasão.

Era o homem que dizia, em plena camara dos deputados, falando da dictadura de João Franco, d'essa odiosa dictadura que foi o maior attentado aos principios liberaes praticado nos ultimos annos, que ella constituiria uma revolução politica tão grande e profunda como aquellas que no nosso paiz se fizeram com as armas na mão. O palerma!

Era o homem que, na mesma

camara dos deputados, dizia (vide *Diario das Camaras*, sessão de 1 de fevereiro de 1896) que na dictadura de João Franco só achava um defeito: a tolerancia com que o governo procedera, tolerancia que foi quasi até á fraqueza.

Era o homem que, na mesma camara, exclamava que a auctoridade só tinha a coacção para se defender das plebes desvalradas pela miseria.

«A coisa mais inadivavel que um governo liberal tem a tratar é fazer manter e garantir a ordem e não conheço senão duas maneiras de a garantir e manter: ou a persuasão, para os espiritos superiores, para as almas superiormente illuminadas, ou a coacção (isto é, pancada) para aquelles em quem a miseria atrophiou o sentimento moral ou resvalaram na preversão moral.»

Qual era o republicano sincero que hesitava deante d'este homem, vendo-o prestes a tornar se preponderante, a não querer apostar miseravelmente? Algum fez causa commum com elle? Apostou miseravelmente. Apostasia revoltante. Apostasia indigna.

Quem professasse sinceramente os principios democraticos, sendo certo, como já dissémos, que não havia que escolher entre os elementos reaccionarios de Aveiro, que estavam todos do mesmo lado, faria o mesmo que nós fizemos, faria o mesmo que fizeram outros.

Tudo impunha aos republicanos da localidade, aos homens verdadeiramente liberaes, aos que respeitam e veneram as honradas tradições d'esta terra, o dever de combater á outrance a colligação dos politicos da Vera-Cruz com os politicos do Carmo. Porque, além de tudo, fazia e faz causa commum com o grupo, é amigo intimo do homem que escreveu essas baboseiras na imprensa, e proferiu tamanhas monstruosidades na camara, o filho de José Estevão Coelho de Magalhães, e amigos, admiradores e continuadores de José Estevão, se dizem elles todos.

Esta é a ultima affronta. Esta é a ultima vergonha. Podem meia duzia de tendeiros, presos por favores ao sr. Jayme de Magalhães Lima, proclamar e exaltar o seu idolo.

Mas a gente do povo que o fizer perdeu toda a noção do seu brio e das suas proprias conveniencias.

Mas os aveirenses que o praticam, dizendo-se liberaes e patriotas, meatem e perjuram se o fazem em nome do liberalismo e do patriotismo.

Preferir Jayme de Magalhães Lima aos d'Agueda, porque? Porque é filho da terra? Jingois-no ignobil! Um filho da terra que desmente todas as tradições liberaes d'esta cidade. Um filho da terra que vai á camara dos deputados, onde ecoou a palavra divina d'um dos mais famosos oradores do mundo, encher de ignominia, com as suas heresias vergonhosas, a patria do grande tribuno. Um filho da terra, que manifestou na imprensa, e que praticamente o tem demonstrado, o maior desprezo pelos interesses locais.

Oh Aveiro desceu muito, ou a influencia de Jayme de Magalhães Lima é uma verdadeira ficção.

As bodas de prata da Soberania do Povo.

A falta de espaço com que lutamos n'este numero não nos permite publicar o esplendido programma dos festejos com que os habitantes d'Agueda celebraram os 25.º annos de existencia d'aquelle nosso collega, como tanto desejavamos.

O anno velho despediu-se com uma formidavel carga d'agua que vai entrando pelo anno novo.

Ao menos do que nos queixamos menos é do frio.

A CARTA DO PADRE

Frei Bandalho diz que é falsa a sua carta, ou que a estropeámos a nosso modo, o que importa falsidade.

Ora vá lá mais uma prova da torpeza d'este biltre. Já serão provas demais. O nosso fim, por esta vez, está conseguido. Virá o resto quando surgir um novo incidente. Mas vá lá mais uma prova, ainda d'esta vez. Não andamos, não andámos nunca a trocar injurias com o biltre. Não nos faltava mais nada! Andámos a esmiuçar toda a canalliee do ministro e representante de Deus. A's injurias baixas do garoto réles temos respondido sempre com factos, com documentos, com provas irrefutaveis.

Aqui fica a carta do padre á disposição de quem a quizer ler. O biltre, que mente sempre, com um descaramento, com um cynismo, que só se encontra n'um representante de Deus, não sabendo já como atrapallar, como mentir, não hesitou em affirmar que lhe estropeámos a carta a nosso modo.

Pois eis a carta á disposição de quem a quizer ler.

A data é o menos. Errámos a data? Se foi engano, foi providencial. Se foi propositadamente, o biltre, que se tem demonstrado sempre um perfeito bacoco, caliu como um patinho. Aproveitou-se logo d'isso para dizer que *lha estropeámos*.

Pois não ha uma palavra, n'aquillo que se lê, que não esteja no original. Quem quizer, que ventura, uma vez fize a carta a nosso modo, com que o *maior* *maior* *maior* sempre.

Mas a carta é falsa e não é falsa. Estropeámos e não estropeámos. Porque o biltre, ao mesmo tempo que nos accusa de lhe termos estropeado a prosa, confessa que escreveu com ironia.

Não ha pullia mais safado. O santissimo representante de Deus! Ora quem vêr como elle a si proprio se define?

Rojando se ignobilmente aos nossos pés, dirigindo-se-nos, sem nunca o termos visto, nem lhe termos falado, para nos atirar, dias depois, o *Cabecinha*, como quem atira um gato morto, o tratante fez-nos suspeitar immediatamente de que estava a mangar connosco, suspeita que elle percebeu. E dizia em carta de 15 de janeiro de 1902:

«Devo dizer-lhe que me magoa profundamente que V. Ex.^a suspeite, sequer, que eu estou mangando consigo, tratando-se, como se trata, de uma cousa séria. Se eu mangasse em taes condições, eu seria um bandalho e eu tenho a consciencia de que o não sou, de que nunca o fui.»

Ora elle confessa agora que mangava. Logo, define-se a si proprio um bandalho!

Mas tambem se define asno perfeito. Vamos a vêr.

Em carta de 8 de janeiro de 1902, escrevia:

«Creio que já uma vez disse a V. Ex.^a—a proposito não sei de quê—que eu nunca posso ter o intuito de illudi-lo, ou mystificá-lo, porque V. Ex.^a não é pessoa que se deixe illudir ou mystificar. Portanto agora, eu tambem não tenho o proposito de o illudir: não teria tal idéa sem me revelar um perfeito asno.»

Mas elle diz agora que teve tal idéa. Fala na ironia com que nos escrevia. Logo, a si mesmo se define um perfeito asno.

Um bandalho!

Um perfeito asno!

Ninguém será capaz de dizer que o tratante se não conhece.

Pobre miseravel!

«Do que eu não posso duvidar (carta de 22 de dezembro de 1901) é de que onde V. Ex.^a estiver está uma força de valor e está a voz da verdade e da justiça.»

Pobre miseravel!

E anda o patetoide a gritar, julgando que nos afugenta com os gritos, que não nos larga. Tomaras tu que nós te deixemos, miseravel. Mas não deixámos. Não ficaremos eternamente, é claro, a discutir o insignificante, nem o discutimos nunca pelo unico prazer de o discutir. Mas sempre que calhar, e que nos convier, tem-nos em cima, como elles todos.

Podemos estar, e estaremos, de quando em quando, como já temos estado, um mez, dois, tres ou quatro, sem lhes dar a minima importancia. Mas quando nos convier, porque nós não fazemos o jogo d'elles, mas o nosso, saltamos-lhe em cima a vergalhá-los.

Os patetas, que ainda supõem que é pelo simples prazer de lhes dar pontapés que andamos aqui a escorraça-los!

Os patetas!

Mas bem. Sem injuria nenhuma podemos dizer que o padre é um bandalho, que o padre é um asno perfeito. Elle o disse de si proprio!

Vê-se bem que o miseravel já não sabe o que ha de dizer. O seu unico recurso, como já dissémos, é repetir o que nós dizemos, palavra por palavra, e mentir. Chegamos a ter pena d'elle.

O biltre, n'uma das muitas cartas que nos escreveu, que são curiosissimas, e das quaes iremos publicando coisas novas quando as circumstancias o reclamarem, exaltando o nosso poder de polemista, relembrando as tarefas no Joaquim de Mello, nos Firminos, nas irmãs da caridade, no padre Antonio, nos proprios defensores do regimento de cavallaria, e em outros, accusa-nos de irmos mais longe do que o preciso para derribarmos os adversarios. Diz-nos que os trituramos. Chama-nos cruel.

Pois engana-se. Quasi sempre lamentamos que as circumstancias nos obriguem a tanto. Que havemos nós de fazer, porém, se elles quanto mais enforcados se sentem, mais arregalam os olhos e estrebucham?

D'este miseravel, que chegou á mais triste situação a que pôde chegar um homem quando usa d'uma penna, mesmo que seja o mais infimo dos rabiscadores, chegamos a ter dó. Mas nem por isso, sejamos franco, tem o minimo direito á nossa piedade.

Comtudo, seremos piedoso.

Por esta vez—salvo alguma circumstancia muito excepcional—está escovado.

Mesmo porque precisamos muito das cartas, que ainda se não conhecem, para outra vez. As reservas só entram em fogo no ultimo combate.

Por esta vez está escovado. E o pobre diabo que proclame o seu triumpho!

Foi arte do diabo

Na quinta-feira á noite vinha proximo aos Arcos uma mulher-sinha com uma tampa de uma porção de chumbinhos infleirados e promptos a entrar em combate, queremos dizer no prélo. Mas, por um mofo no caso do mafarrico, os taes chumbinhos, a quem muita gente chama *typo*, despejam-se da cabeça da pobre mulher e emboldream-se com a lama da rua como o estrume do curral se costuma emboldrear com o escasso.

D'ahi grande grita da pobre mulher e bastante gente rindo e commentando o grande desastre succedido aos chumbinhos.

E lá ficou o primeiro numero do *canudo* infamante envolto na lama da rua, por que esta, por um providencial acaso, chamou a sua collega para si.

Foram consoar ambas. Por onde se vê que até a propria Providencia se revolta contra os nojentos pasquineiros que tudo assoalham e tudo diffamam.

Mas d'esta vez metteram-se no seu elemento pela pressa com que queriam ladrar ás botas de quem nem sequer os enxerga pela distancia que os separa.

Ah, Providencia, Providencia que d'estes com a independencia em terra!

Banda dos Voluntarios

Esta bem conceituada banda executou no domingo passado, no jardim publico, algumas peças do seu bom repertorio, agradando bastante aos circumstantes.

Tambem no dia de Natal tocou no Largo d'Apresentação, pela primeira vez, na rua, depois que é seu regente o sr. João de Pinho das Neves Al-leluia, em coreto armado por amigos e admiradores, a phylarmonica Aveirense.

Esta tambem conceituada e antiga banda, executou ali um repertorio completamente novo, agradando muito e prendendo a attenção do numero de auditorio que a escutava.

O sr. Pinho das Neves foi por isso muito felicitado.

FREI BANDALHO

Frei Bandalho diz que José Pereira apodreceu, por nossa causa, na cadeia. Ora José Pereira reapareceu com o *Povo de Aveiro* com a condicção expressa de explorar o jornal por sua conta e de tomar a responsabilidade exclusiva dos artigos publicados. E dos artigos que o levaram á cadeia nenhum fôra escripto pelo redactor principal d'este periodico, mas, como sempre se disse, por um empregado da camara municipal de Lisboa.

João das Maravilhas foi editor do *Povo de Aveiro* nas mesmas condições. Comtudo, quando Jayme Lima appareceu a processar, foi o auctor dos artigos que assumiu a responsabilidade.

Porque não andou Jayme Lima para deante?

Frei Bandalho é o ignobil trapaceiro do costume. Mas anda infeliz.

Porque não andou Jayme Lima para deante?

PUBLICAÇÕES

«A Semana Illustrada»—Recebemos o n.º 6 d'esta publicação. Vem excellente, como sempre.

— Tambem recebemos do sr. Augusto da Costa Goes, proprietario da antiga e conceituada pharmacia Luz & Filho, 4 exemplares do Almanach para 1904 da casa Ribeiro da Costa & C.^a, de Lisboa, o que agradecemos.

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de couros, em leilão todas as segunda-feiras ao meio dia, em lotes correspondentes á matança de cada dia.

AS condições estão patentes no acto da arrematação.

Venda de sebo, tripa, sangue secco para adubos, estrume, etc.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

"Povo de Aveiro,"
Uma Lisboa, vende-se na tabacaria Monaco.

Bibliotheca HORAS ROMANTICAS

Collecção de obras litterarias e scientificas notaveis, dos melhores auctores, antigos e modernos, nacionaes e estrangeiros

100 REIS CADA VOLUME

ROMANCE POESIA, THEATRO, ARTE, HISTORIA, CRITICA
Edições esmeradamente revistas, traducções confiadas aos melhores escriptores, obras de auctores antigos e contemporaneos

PUBLICAÇÃO MENSAL AOS VOL. DE 160 A 200 PAG.
100 reis o volume

Cada pagina de leitura por menos de um real

IDEA E FINS DA PUBLICAÇÃO

O fim desta publicação é o de concorrer para que o povo portuguez conheça a sua litteratura e a dos outros povos, por meio da vulgarisação d'obras primas tornando as familiares e accessiveis a todos. De nenhum outro modo poderia a Bibliotheca Horas Romanticas conseguir este seu principal objecto, que não fosse o de se facilitar ao alcance de todas as fortunas, pelo seu preço baratissimo.

A Bibliotheca Horas Romanticas publicará de cada auctor, o mais selecto, o melhor, o que é indispensavel ser conhecido: o seu formato será elegante, commo e portatil. Abundantissima a leitura de cada volume. A sua barateza inexcusavel.

É nosso empenho conseguir que a Bibliotheca Horas Romanticas seja tão instructiva como delectosa; que os seus livros possam chegar ás mãos de todos constituido em todas as familias e em todas as corporações associativas uma encyclopedia consoladora, a qual todos estimem e tragam frequentemente manuseada. Os volumes da nossa Bibliotheca offereceção a facilidade de serem lidos durante os ocios das diversas occupações quotidianas de cada leitor. A Bibliotheca Horas Romanticas será uma collecção preciosa de verdadeiras obras primas.

VOLUMES PUBLICADOS

N.º 1 a 3—«Quo vadis?» por Henry Sienkiewicz.—N.º 4—«Vida e aventuras de Lazariillo de Tormes», por Diego Hurtado de Mendoza e H. de Luna.—N.º 5—«Enlalia Pontois», por F. Soulié.—N.º 6—«A amorcira fatal», por E. Berthet.—N.º 7—«O Senhor Eu», por Salvatore Farina.—N.º 7 a e 7b—«O fogo», por Gabriel d'Annunzio.—N.º 8—«Carteas d'uma noiva», Bjornstjerne de Bjornson.—N.º 9—«Palavra de soldado», por Jørgen Elwall.—N.º 10—«A pelle do Leão», por G. de Bernard.—N.º 11 a 13—«A morte dos Deuses», por Dmitry de Merejkowsky.—N.º 14—«A corda de curvas», por Petrosi.—N.º 15—«Hylos á beira d'agua» (2.ª edição), por Alberto Fimintel.—N.º 16—«Terras malditas», por V. B. Ibanez.
Remette-se qualquer d'estes volumes, FRANCO DE PORTE, a quem enviar a sua importação á «A Editora» (antiga casa David Coraça)—Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

METHODO JOÃO DE DEUS

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) approvada pelo governo, 16.ª edição, br. 200 réis; cart. 300 réis.
Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br. 200 réis, cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.
Album, ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 5\$000 réis.
Quadros parietaes, ou as mesmas lições da CARTILHA MATERNAL em 35 cartões, preço, 6\$000 réis.
Arte de escripta, nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.
O Methodo de escripta, vende-se aos GADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebres polemicas sobre questões de pedagogia), 1 vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, (2.ª parte das questões sobre o prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 500 réis.

Prosas, (narrativas, cartas, prologos, criticas, etc., coordenadas pelo dr. Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis

Campo de Flores, 3.ª edição de versos, coordenados pelo dr. Theophilo Braga, um elegante volume de 525 pag., com dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e pratico da Cartilha Maternal, (obra indispensavel aos que ensinam a ler pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem terão descontos especiaes.

Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus, Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.º—LISBOA.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

CONSULTORIO DENTARIO
DE
THEOPHILO REIS
Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra
Extrahido, obturao, collocos dentis e encerrrega se do concerto de dentaduras
R. DIREITA, 58, 1.º Aveiro

BAGAGENS AVULSAS
VENDEM-SE na AVULSA casa de Manuel Marrão, Largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagagens para alimentação de todos os animaes.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

“PFAFF,”

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

- A machina «PFAFF» para costureiras.
- A machina «PFAFF» para alfaiates.
- A machina «PFAFF» para modistas.
- A machina «PFAFF» para sapateiros.
- A machina «PFAFF» para seleiros.
- A machina «PFAFF» para corrieiros.
- A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráa ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.
A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remettem gratuitamente.
Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

LIVRO COMMERCIAL

TRATADO DE CONTABILIDADE

Pelo guarda livros RICARDO DE SA

Chefe da contabilidade do Banco Nacional Ultramarino. Ex-professor proprietario da 5.ª cadeira do Atheneu Commercial de Lisboa Percito ante os tribunaes Commercial e Civil. Publicista

E sobejamente conhecido em todo o paiz o nome do auctor para que precisemos recomendar o valor d'esta obra, indispensavel ao commercio e á industria em geral.

Esta obra compôr-se-ha aproximadamente de 50 fasciculos de 16 paginas a 70 réis.

Assigna-se na «A EDITORA», Largo do Conde Barão, 50—LISBOA; e no Porto, na Livraria Chariron de Lello & Irmão, Rua dos Clerigos, 96 e 98, e em casa de todos os seus agentes das provincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fasciculo specimen a quem o requisitar.

A NOVA PHASE

DO

SOCIALISMO

POR JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 153, rua da Prata, 160—LISBOA.

Preço 200

RUDIMENTOS DE AGRICULTURA

POR ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO

LIVRO APPROVADO NO ULTIMO CONCURSO PELA DIRECÇÃO GERAL D'INSTRUCÇÃO PUBLICA

PREÇO PELO CORREIO, 280 REIS

A' venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na CASA EDITORA

LIVRARIA ABEAUD Rua do Ouro, — 242-1.º LISBOA

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONCALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Com.)

Preços fixos VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.
Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.
Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhuu e vinho (qualidade garantida).
Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Lonças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).
Flôres artificiaes e cordas funerarias.
Ampliações photographicas. Encaderuações.

N. B. — Não se avlamente commendas que não venham acompanhadas da respectiva importação.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79